



A figura feminina sob o olhar da perspectiva de gênero: uma análise da mídia impressa parintinense *Jornal Novo Horizonte*¹

Yasmin Gatto CARDOSO²

Juliana Cristina da Silva FERREIRA³

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA⁴

Universidade Federal do Amazonas, *Campus Parintins*⁵

Resumo

Muito se tem falado sobre a mulher na mídia, seja pelos avanços no mercado de trabalho, seja pelas conquistas no âmbito das leis de proteção contra a violência ou sobre as lutas por emancipação feminina. Mas de que forma tem sido feito o enquadramento dessas mulheres nos jornais impressos parintinenses? O que tem sido colocado em relevo e o que tem sido excluído? Será que o enquadramento dado às matérias não ajudam a perpetuação do discurso machista em Parintins? São essas perguntas que se pretende responder ao longo da pesquisa, discutindo as relações de gênero, suas implicações nas relações de produção e enquadramento jornalístico.

Palavras-chave: relações de gênero; enquadramento jornalístico; *Jornal Novo Horizonte*; Parintins.

Abstract

Much has been said about women in the media and to the advances in the labor market, either by conquest under the laws of protection against violence or about the struggles for women's emancipation. But how has been done in the framework of these women parintinenses newspapers? What has been put in relief and what has been deleted? Does the framework given to matters not help perpetuate the sexist discourse in Parintins? These are questions we intend to answer during the research, discussing gender relations, its implications on the relations of production and journalistic framework.....

Key words: gender relations; journalistic framework; *New Horizon Journal*; Parintins.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, email: yasmin_gatto_cardoso@hotmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, email: julianacsf.jnr@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo email: rafaelbellan@yahoo.com.br

⁵ Município do interior do Estado do Amazonas com aproximadamente 100.000 habitantes, localizado a 420 quilômetros da capital do Estado (Manaus).



Introdução

A mídia vem cada vez mais assumindo um papel na formação de ideias e valores da população. As pessoas ficam cientes da maior parte dos acontecimentos por parte dos meios de comunicação, sendo eles de cunho jornalístico ou não. Dado este fato é importante que se entenda como a mídia contribui para a formação ou perpetuação de algumas ideologias.

As mulheres estão cada vez mais assumindo papéis de liderança no mercado de trabalho, assumem uma dupla ou tripla jornada de afazeres, conciliando o papel de mãe, esposa e empregada. A Lei Maria da Penha passou a vigorar, mas mesmo assim mulheres morrem diariamente vítimas da violência doméstica.

Grupos de mulheres lutam por decidir sobre seus direitos reprodutivos e pela legalização do aborto. Os padrões de beleza impostos pela sociedade, o corpo desejado, a prostituição, as políticas públicas, a saúde e o mito da fragilidade feminina são os assuntos relacionados à figura da mulher que estão em constante pauta no jornalismo.

Hoje muito tem se debatido e falado sobre a figura feminina na sociedade, mas a maneira que os meios de comunicação têm reportado isso para a população pode estar influenciando na perpetuação de discursos machistas e na opressão das mulheres.

Na sociedade capitalista na qual vivemos, há uma forte desigualdade entre os sexos, esse pensamento vem sendo reforçado ao longo dos séculos por mitos que foram criados em relação à figura da mulher. O machismo desqualifica as mulheres, coloca os homens contra as mulheres e as mulheres contra as próprias mulheres e essa relação só tem sido fortalecida pela mídia.

A relação de dominação do homem para com a mulher faz com que a figura feminina se reduza a objeto, a uma propriedade privada do seu dominador (homem) o que acaba gerando diversos tipos de violência. A Lei Maria da Penha, que vigora no Brasil desde (2006) traz teoricamente uma série de direitos para as mulheres vítimas de violência física, moral, psicológica, patrimonial, mas ainda assim o índice de violência contra a mulher é alto e a Lei não é cumprida de maneira efetiva.

A mulher também é vítima constante da violência social trazida em letras de música, propagandas de cerveja, carro, que trazem a figura feminina como o atrativo para os comerciais. Isso acontece no Brasil de maneira comum, no município de



Parintins, cidade da Festa do Boi-Bumbá, a figura feminina também é colocada em evidência.

São as mulheres mais bonitas da cidade que entram na arena para competir entre si durante os três dias de Festival, cunhã - poranga, porta - estandarte, rainha do folclore e sinhazinha representam a matriz indígena e europeia do município. Mas não é só durante o Festival Folclórico que existe disputa entre as meninas mais bonitas da Ilha, na maioria das festas locais existe um concurso de beleza.

No Carnaval, na exposição agropecuária, nas festas estudantis, nas feiras, festas juninas, as mulheres parintinenses estão disputando um troféu de beleza. Infere-se que isso seja herança do próprio Festival Folclórico, que leva as mulheres da cidade a buscarem um título que as faça merecer o cargo mais almejado que é ser item do Boi-bumbá.

Este artigo é resultado de uma pesquisa de monografia que ainda está em andamento. É com base em quatro textos noticiados no período do mês de março de 2013 que falam sobre mulher, na maneira que foi feito o enquadramento das matérias que se pretende analisar a caracterização feminina no Jornal Novo Horizonte, um dos mais antigos semanais da cidade de Parintins.

O enquadramento, teoria jornalística a ser utilizada permite que se analise a forma que os jornais tratam as mulheres, quais os destaques, sobre o que se fala e o que é excluído.

Mas até que ponto esse enquadramento jornalístico influencia na vida do público leitor? E sendo mais específica, até que ponto esse recorte que os jornais fazem nas notícias sobre as mulheres contribuem para a manutenção de um discurso machista na sociedade? Qual o destaque que as mulheres estão tendo na mídia e de que forma esse recorte representa a figura feminina?

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

1. Relações de gênero

Na sociedade capitalista, há uma forte desigualdade entre os sexos e para justificar essa disparidade vários mitos foram sendo inventados e difundidos em nossa sociedade, por exemplo, o mito da fragilidade feminina, da superioridade intelectual dos homens, da desvalorização do trabalho feminino, o trabalho doméstico que deve ser feito só por mulheres.



As ideologias dominantes tentam justificar essas ideias pelas diferenças biológicas que existem entre homens e mulheres, mas essas desigualdades são irrelevantes do ponto de vista do comportamento e das capacidades humanas. Por isso que é possível encontrarmos mulheres executando atividades socialmente identificadas como masculina e vice-versa, ou seja, se a diferença biológica determinasse tudo, não seria possível vermos isso.

Os mitos difundidos são adquiridos a partir da sociedade em que vivemos. O comportamento humano, preferências e inclinações são construídos desde pequenos de acordo com o que socialmente aceitável. A educação sexista que predomina hoje no sistema familiar e educacional faz com que os padrões de “ser menina” e “ser menino” se perpetuem, mas as características não são determinadas pelo sexo, mas sim pela educação recebida (HAUG, 2006, p.136).

Essas características também servem para determinar nosso papel na sociedade, por isso desde pequenas as meninas são educadas para cumprirem o papel de mãe, de esposa, de dona de casa enquanto os meninos são educados para serem os chefes da família e é aí que se encontra a raiz da opressão feminina, ou seja, o machismo.

O machismo pode se expressar de várias formas, por exemplo, nas piadas que ridicularizam as mulheres, nas várias formas de violência: verbal, física, sexual, psicológica, na mercantilização do corpo da mulher, na desvalorização do trabalho feminino, na diferenciação salarial, na transformação da mulher em escrava do trabalho doméstico e etc. (PSTU, 2012).

É importante que se entenda que o machismo não é fruto de uma conduta somente individual, mas sim de uma ideologia e é por meio dela que se torna natural alguns comportamentos exercidos pelas mulheres e outras atitudes dos homens para com as mulheres. É fundamental rever esses discursos que estão sendo impostos e fazer uma discussão crítica em torno das relações de gênero, considerando que sua construção é feita de forma social e não individual.

A discussão sobre o enquadramento da figura feminina a partir da perspectiva da teoria das relações de gênero é feita com base na discussão feminista e marxista que pretende apresentar que as relações de gênero não são exteriores aos modos de produção da sociedade e que o gênero é uma construção social.

Essa teoria sobre as relações de gênero está em constante movimento, portanto sujeita a trocas, mas fornece subsídios necessários para fomentar uma discussão. Segundo Haug, “... nenhuma área poderá ser estudada de maneira sensata sem pesquisar



como as relações de gênero a moldam e são por sua vez moldadas. (...) As relações de gênero só podem ser ignoradas assumindo que há somente um sexo, o masculino...” (2006, p.314).

Parintins, apesar de ser uma cidade pequena o índice de violência contra a mulher é grande, são mais de 300 casos de violência doméstica⁶ todo mês. Esse dado reflete a realidade da mulher que está sendo colocada como uma propriedade dos companheiros (as) de forma geral, a violência parte de namorado, marido, ex-marido. Na mídia impressa pouco se fala sobre casos de violência doméstica no município, os fatos tornaram-se comuns aos olhos dos jornalistas.

E em uma cidade como Parintins onde o movimento de mulheres é fraco, ou quase inexistente uma pesquisa nesse sentido pode fornecer dados importantes sobre a visão midiática da mulher, pois a mídia contribui de maneira quase que totalitária para uma visão machista em torno desta figura.

O conceito das relações de gênero permite que se estude criticamente como os sexos servem para reproduzir o conjunto das relações sociais. As mulheres nem sempre foram oprimidas. Historicamente é a família individual e monogâmica que inaugura a primeira forma de opressão da mulher, onde a mulher passa a ser a primeira criada, sem participação na produção social.

As mulheres foram retiradas dos espaços públicos, da produção e da sobrevivência e foram restringidas aos espaços domésticos. Mas no antigo lar comunista, a direção do lar era confiada às mulheres e essa atividade era tão necessária quanto o trabalho de prover o sustento do lar que os homens tinham (ENGELS, 1884).

A desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher (...). As coisas mudaram com a família patriarcal e ainda mais com a família individual monogâmica. O governo do lar perdeu seu caráter social. A sociedade já nada mais tinha a ver com ele, o governo do lar transformou-se em serviço privado, a mulher converteu-se na primeira criada, sem participação na produção social (ENGELS, 1884, p.99).

Foi essa divisão entre o trabalho assalariado e o trabalho doméstico que instaura o padrão de dominação nas relações de gênero que predomina até hoje, quem exerce o trabalho assalariado é dominador e quem executa o trabalho doméstico é dominado.

⁶ Segundo uma pesquisa realizada por acadêmicos de Serviço Social em parceria com a Delegacia Especializada de Parintins no final do ano de 2013.



A família que conhecemos hoje tem por base a escravidão doméstica da mulher, onde ela cumpre os deveres domésticos e logo fica excluída do trabalho social. O papel social do trabalho exercido em casa perdeu relevância frente à magnitude das atividades executadas pelos homens no âmbito diretamente social. Engels ainda diz que

Hoje, na maioria dos casos, é o homem que tem que ganhar os meios de subsistência da família, pelo menos nas classes possuidoras; e isso lhes dá uma posição dominadora, que não exige privilégios legais especiais. Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário (...). De igual maneira, o caráter particular do domínio do homem sobre a mulher na família moderna, assim como a necessidade e o modo de estabelecer uma igualdade social afetiva entre ambos, não se manifestarão com toda a nitidez senão quando o homem e mulher tiverem, por lei, direitos absolutamente iguais (...) (1884, p.99).

A mulher e o homem são formados naturalmente como figuras não-iguais e essa não-igualdade se transforma na base das futuras formações. É por isso que as relações de gênero são essenciais para a formação social do indivíduo, para o entendimento dos modos de produção da sociedade capitalista e estudar essas relações é de fundamental importância para que se entendam as perguntas referentes à divisão trabalhista, dominação, exploração, ideologia, política, sexualidade, religiosidade, etc. (HAUG, 2006).

O controle do homem sobre a mulher na família faz da organização das relações de gênero algo apenas perceptível. Um exemplo disso é justamente a menor valoração do trabalho da mulher em comparação com o trabalho do homem, condição esta que torna a mulher particularmente mais propensa à exploração capitalista: o trabalho da mulher e da criança é mais barato (HAUG, 2006, p.316-7).

Essa divisão do trabalho histórica nas relações de gênero demonstra que a exploração capitalista se apoia na opressão da mulher. Essa obrigação “natural” das mulheres de cuidar dos filhos, afazeres domésticos e maridos, independentemente de trabalhem fora só beneficia o sistema.

Esse discurso que a mulher é “polivalente”, “multifuncional” traz um argumento que as mulheres nasceram com essas características quando na verdade essa ideia foi desenvolvida de maneira social para que a mulher arcasse com o trabalho doméstico e fora de casa.



Deste modo, é dentro dos jornais em análise que busca como o enquadramento dado às matérias, que tratam sobre as mulheres, colocam em evidências alguns aspectos e exclui outros.

1.1 Enquadramento

A cobertura jornalística é reveladora das contradições sociais, dos jogos de poder, da diversidade de visões de mundo (culturais, científicas, comportamentais, éticas, morais, religiosas e tantas outras) e dos múltiplos interesses em disputa, elementos que, a propósito, constituem, não por acaso, os objetos mesmo da tessitura noticiosa que cotidianamente nos apresentam os veículos informativos impressos e eletrônicos (CARVALHO, 2011, p.1).

O próprio jornalismo é marcado por contradições que na prática promovem recortes do real noticiado, enquadrando-o e mesmo excluindo alguns aspectos dos acontecimentos. A pesquisa visa encontrar subsídios dentro desta teoria para buscar explicações acerca de certos enquadramentos da figura feminina.

O conceito de enquadramento (...), tem sido um dos pilares na proposição sobre os modos como as notícias nos são apresentadas pelos operadores jornalísticos a partir de referências que deem às narrativas noticiosas inteligibilidade, o que implica em relacioná-las a alguma dimensão do social reconhecível por quem as receberá. O enquadramento está centrado em reflexões acerca dos modos como é possível, a cada indivíduo, identificar a situação diante da qual se encontra em presença (CARVALHO, 2011, p.3).

É válido dizer que as ações do jornalismo enquanto um ator social em interação com os demais atores com os quais tem que se haver acontece não só a partir da definição de uma linha editorial definida por cada veículo, mas acontece a partir de uma série de procedimentos técnicos. E é essa investigação que se busca fazer na pesquisa, porque a relevância dada à alguns assuntos e nem tanto à outros. No que tange a figura da mulher nos jornais, o enquadramento nos permite referenciar certas escolhas feitas por parte dos jornalistas.

Os enquadramentos são como marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais. Na prática jornalística, um enquadramento é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer (ROTHBERG, 2010, p. 3).



Os enquadramentos são como ideias centrais que organizam a realidade dentro de alguns eixos e envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas, etc. são como “pacotes interpretativos” que dão sentido a um assunto e permite que o leitor construa significados a respeito de um determinado tema. “Os enquadramentos introduzem ou aumentam a saliência ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que encorajam os públicos-alvo a pensar, sentir e decidir de maneira particular” (ENTMAN, 2007, p.164).

DESCRIÇÃO DO CORPUS

2. Jornal Novo Horizonte

O Jornal em análise, Novo Horizonte, é um semanário impresso do Sistema Alvorada de Comunicação. Ele é o primeiro e mais antigo jornal da cidade, faz parte do grupo Alvorada que possui jornal impresso, radiofônico e televisivo. A primeira edição do jornal foi lançada no ano de 1994 com um formato diferente de hoje, somente no ano de 2006 é que ele foi adaptado ao modelo dos dias atuais.

Atualmente o NH, como também é conhecido, contém 12 páginas, tendo somente a capa e a contracapa coloridas, o restante das páginas é em preto e branco. Nas folhas estão distribuídas as diversas editorias e os respectivos conteúdos jornalísticos e informações de cunho cristão católico. Na editoria Educação e Saúde, o jornal doa um espaço, que é fixo para acadêmicos da Ufam, UEA e especialistas da área da saúde.

A Revista Rádio Alvorada 40 Anos (2007) diz que o jornal Novo Horizonte teve início para cumprir uma missão que é informar, entreter e evangelizar como imprensa escrita. No ano de 2014, o Novo Horizonte possui aproximadamente 400 assinantes e contabiliza cerca de 600 exemplares semanais, fora a faixa de 30 exemplares que são normalmente doados como cortesia para casas de Bispos, missionários fora do Brasil e também ex-colaboradores.

As edições analisadas serão as edições referentes ao mês de março de 2013, de número 972, 974, 975 e 976. O conteúdo analisado é respectivamente:

- Matéria principal: ‘Copa Alvorada 2013 reúne cidades e oportunidades’;
- Editorial: 8 de março, pós-modernidade, conflitos e outras alternativas;
- Notícia: Candidatas classificadas para concurso da rainha;
- Notícia: Mulheres se envolvem com o tráfico de drogas em Parintins.



As edições do mês de março foram escolhidas porque esse é o mês do Dia Internacional da Mulher e buscava-se analisar qual o enquadramento do jornal dado a este dia. Também houvera uma curiosidade se eram publicados durante todo o mês materiais referentes a este tema.

RESULTADOS ALCANÇADOS

3. Mídia impressa parintinense e a perpetuação do discurso machista

Tendo em vista a discussão de gênero a partir de uma perspectiva crítica, a análise a seguir pretendeu mostrar como o enquadramento de algumas matérias em jornais impressos ajudam os leitores a perpetuarem os pensamentos machistas em relação à figura feminina.

Haug (2006, p.231) ajuda a entender que as relações de gênero devem ser consideradas para além da relação homem-mulher, mas é preciso que se discuta esse tema para entender a sociedade na qual se vive.

Pensar em relações de gênero como relações de produção pode parecer presunçoso, já que estamos acostumados a pensar recentemente como a organização da produção dos meios de vida. Assim é que entendemos as relações capitalistas de produção como a organização de produção proveitosa e rentável para o mercado (...). Sustento que todas as práticas na sociedade estão determinadas por relações de gênero, sendo por isso, colocadas em chave de dominação e que, portanto, devemos incluí-las em qualquer análise e compreensão da sociedade (HAUG, 2006, p.321).

Como já dito ao longo deste artigo, as ideias sobre a divisão sexista do trabalho e a noção de inferioridade da mulher em relação ao homem se faz presente nas diversas relações de produção, pois este discurso é mantido e reforçado pela mídia, pela própria educação e, sobretudo, pela ideologia da sociedade capitalista. A primeira matéria analisada tem como subtítulo “Rainhas da Copa” e diz,

As belas candidatas a rainha da Copa Alvorada trouxeram um atrativo a mais à competição. Doze rainhas fizeram os desfiles que empolgaram o público. Beleza, simpatia e desfile serão critérios avaliados pelos jurados. Neste primeiro desfile foi apenas uma apresentação das candidatas, sem eliminatórias. O concurso de rainha da Copa sempre atrai um bom público (Edição 972, p.6,2013).



Neste texto, é perceptível que a mulher é colocada como um objeto para atrair maior público para o evento. O jornalista fez questão de enfatizar a beleza, a sensualidade e a simpatia das concorrentes e ainda destacou que nesse primeiro desfile não houve eliminação, as candidatas foram apenas apresentadas. Não é a toa que o repórter coloca em evidência esses aspectos, o intuito é fazer com que mais pessoas prestigiem o evento para acompanhar as etapas eliminatórias.

De acordo com Entman (2007, p.164) o enquadramento dado ao texto faz com que o leitor introduza ou aumente a saliência ou importância aparente de ideias, ativando assim os esquemas que os encorajam a pensar, sentir e a decidir de maneira individual. Ao expor as candidatas e os atribuir qualidades à elas, o jornalista faz com que o leitor escolha qual a sua preferida.

Engels (1984, p.110-1) ainda traz uma contribuição no sentido da mulher enquanto objeto/instrumento. O autor diz que

A derrocada do direito materno foi a grande derrota histórica do sexo feminino em todo mundo. O homem empunhou também as rédeas da casa; a mulher se viu degradada, convertida na servidora, na escrava da luxúria do homem, *em um simples instrumento de reprodução* (Grifos nossos).

O segundo material analisado é um editorial sobre o Dia Internacional da mulher que é intitulado como: “8 de março, pós-modernidade, conflitos e outras alternativas” e tem como autora a professora Rossana Teresa Curioni Mergulhão, mestre em Direito. O texto opinativo começa fazendo uma reflexão importante sobre o tema, mas finaliza de maneira clichê. O texto colocado abaixo são só alguns trechos do editorial:

Novamente chegamos ao dia 8 de março. A lembrança do surgimento da data é inevitável. Reivindicações por melhores condições de trabalho, equiparação de salários com os homens e tratamento digno dentro do ambiente laboral. A manifestação foi reprimida. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano. De lá pra cá avançamos em alguns pontos, mas os desafios e obstáculos não são poucos e nem pequenos. *A violência doméstica é inegável e não obstante à Política de enfrentamento, ela está arraigada nos escombros culturais, a busca por condições humanas, por tratamento isonômico às mulheres continua.* Velhos conflitos, enquanto outros modernos, pós-modernos, nos desafiam (...) (Grifos nossos).

Por fim, nesse 8 de março contextualizado, levada pelo meu otimismo, pela esperança que me faz buscar e acreditar a cada dia em momentos melhores, *cumprimento todas as mulheres, que realmente vivenciam a natureza feminina; que encarando o dia-dia profissional não*



perdem a ternura; para aquelas que conosco buscam ocupar o seu lugar, mas cientes de que poderão conservar seus próprios valores. Espero que o crescimento do número de mulheres em lugares anteriormente ocupados por homens contribua para que os valores femininos mais e mais estejam presentes no campo profissional, aumentando a compreensão e a solidariedade (...) (Edição 974, 2013, p.2. Grifos nossos).

O editorial começa fazendo uma discussão sobre o que é o Dia da Mulher, quais os motivos que levaram a escolha dessa data, mas no final do texto, a professora termina falando sobre ocupações e atribuições mais femininas, uma mulher que escreve sobre o próprio dia, sabe do significado, mas consegue banalizar o trabalho feminino falando que paciência, atenção, intuição, o ouvir e fazer companhia são inerentes à mulher. O trabalho também é desvalorizado, pois a autora cita somente atividades ‘secundárias’ a serem exercidas pelas mulheres, e lembrando que para além disso, a mulher não pode perder a sensibilidade.

Essa diferença entre os sexos está tão embutida no pensamento da sociedade que a determinação diferenciada de julgar as coisas tem como base a ideia da desigualdade entre os sexos. Não se pode pensar na mulher como um ser independente, que tem escolhas, que tem querer, que tem o poder de decidir sobre o próprio corpo, sobre a maternidade, sobre o casamento, sobre onde quer e como quer trabalhar, independente de suas características naturais.

Os meios de comunicação constroem a ideia de uma mulher que é sensível, que consegue intuir algumas coisas, que pode fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo, e na realidade são ideologias construídas socialmente, por isso que existem homens capazes de executar tarefas ditas femininas e vice-versa. Ao longo do editorial, a professora afirma por diversas vezes que determinados trabalhos precisam da mulher, que a sociedade cobra isso.

(...) um espaço de trabalho diferenciado, cuja essência é o contato humano, *ocupações como supervisão, entretenimento, fazer companhia às pessoas e ouvi-las, cuidar delas, ajuda-las material e espiritualmente são um bom exemplo dessas novas tarefas.* Nessas funções, apesar dos avanços tecnológicos, a sociedade requer *atributos mais femininos como a paciência, a atenção e a intuição.* Desse modo, é necessário que a mulher esteja pronta para preencher essas funções (...) (Edição 974, 2013, p.2).

A figura da mulher ideal gira em torno de uma figura polivalente e multifuncional. É uma mulher que tem por obrigação ter corpo bonito, ter um emprego



bom, ser casada, ter filhos, ser sensível, compreensível e ainda ter a famosa ‘intuição de mulher’.

Eu não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos, seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir um mito inventado pelos homens para prender as mulheres em sua condição de oprimidas. Não se trata para mulheres de se afirmar como mulheres, mas de tornarem-se seres humanos na sua integralidade (BEAUVOIR, apud KERGOAT 1996).

Na construção social do pensamento a respeito da figura feminina, não é concebível uma mulher que queira ser livre das amarras impostas pela sociedade onde vive.

Estamos acostumados a valorizar a mulher não como personalidade, com qualidades e defeitos individuais, independentemente de suas sensações psicofisiológicas. Para nós, a mulher só tem valor como acessório do homem. O homem, marido ou amante, projeta sobre a mulher sua luz; é a ele e não a ela que tomamos em consideração como verdadeiro elemento determinante da estrutura espiritual e moral da mulher (KOLLONTAI, 2011, p.54).

Não se pode deixar de falar que essas ideias são difundidas e perpetuadas com um único objetivo, continuar fazendo com que o Capital domine as esferas da vida da sociedade. Como mencionado acima, esse discurso de diferença entre os sexos e da polivalência da mulher beneficia a sociedade do capital.

Já a matéria da edição 975 intitulada: “Candidatas classificadas para concurso da rainha” diz que

A noite de ontem também foi de simpatia, beleza e desfile das candidatas à rainha da XVI Copa Alvorada durante a realização da quarta rodada da competição (...). Onze candidatas participaram das eliminatórias que aconteceu no Ginásio de Esporte Elias Assayag. Os desfiles aconteceram entre o segundo e o terceiro jogo masculino, as candidatas esbanjaram charme, simpatia e um modelo determinado pela coordenação do evento que lembra uma típica líder de torcida (Edição 975, 2013, p.10).

Os critérios em destaque da notícia são a beleza, a simpatia e a forma como as candidatas estavam vestidas, o jornalista também ressaltou que o desfile aconteceu entre o intervalo do jogo dos homens. Vale ressaltar que a Copa Alvorada possui jogos femininos, mas ao escrever que a disputa aconteceu entre o intervalo do jogo masculino, o repórter deixa claro que as meninas que concorrem à Rainha estão ali desfilando para o público masculino, seja ele os jogadores ou o público presente. São os homens que



precisam aprovar a candidata mais bela. Os enquadramentos jornalísticos nos permitem fazer certas interpretações, ou seja,

(...) narrar um acontecimento transformado em notícia, dando-lhe um enquadramento, consiste seleção de aspectos que deem à narrativa sobre ele inteligibilidade, a partir de estruturas cognitivas e quadros de referência que conduzirão a uma determinada visão (...) (CARVALHO, 2011, p.5).

O último material analisado trata sobre uma mulher envolvida no tráfico de drogas e tem como título “Mulheres se envolvem com o tráfico de drogas em Parintins”.

O tráfico de drogas, que antes era dominado pelo sexo masculino agora ganhou apoio dentro e fora de casa. As mulheres estão se envolvendo mais no crime, e apoiando o marido, irmão, pais e demais pessoas da família. De acordo com as informações, em Parintins, há bocas de fumo comandadas por mulheres. Depois de ‘conquistarem’ a clientela, que antes pertencia ao marido, resolveram comandar as ações criminosas sozinhas (Edição 976, 2013, p.3).

Ao dizer que ‘o tráfico ganhou apoio dentro e fora de casa’, o jornalista deixa claro que o ‘dentro de casa’ se relaciona à figura doméstica que a mulher exerce. Também ao dizer que elas conquistam a clientela que antes pertenciam ao marido fica subentendido que a mulher coloca o seu lado sensual para conseguir clientes e depois comandar as ações do tráfico sozinhas.

É como se a mulher não pudesse exercer esse tipo de atividade sozinha e nem trair a confiança do marido. Essa ideia de posse do eu físico e do eu espiritual foi formado e cultivado pela burguesia com a ideia de reforçar os fundamentos da família para assegurar certa estabilidade social. Kolontai (2001, p.51) ainda diz que “esse ideal não só recebemos como herança, como também chegamos a pretender que seja considerado um imperativo moral indestrutível”.

A ideia da propriedade inviolável do esposo foi cultivada com todo o esmero pelo código moral da classe burguesa, com sua família individualista encerrada em si mesma, construída totalmente sobre as bases da propriedade privada. O conceito de propriedade dentro do matrimônio vai hoje em dia muito além do que ia o conceito da propriedade nas relações sexuais do código aristocrático (...), a ideia da posse da mulher pelo marido (a mulher carecia de direitos de propriedade sobre o marido) não se estendia além da posse física, mas sua personalidade lhe pertencia completamente (KOLONTAI, 2011, p.50-1).



Essa matéria além de colocar a mulher como não capaz de assumir um trabalho socialmente masculino também coloca a mulher como não capaz de garantir o sustento da família sozinha e de forma independente de seu marido.

A desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher (...) na maioria dos casos é o homem que tem que ganhar os meios de subsistência da família, pelo menos nas classes possuidoras; e isso lhes dá uma posição dominadora, que não exige privilégios legais especiais. Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário (ENGELS, 1884, p. 100).

Mesmo a atividade em questão sendo ilícita, a mulher não pode tomar frente por uma questão social, porque ainda se entende que é o homem que tem que garantir o sustento da casa. Engels (1884, p.101) ainda diz que “a família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais”.

Considerações Preliminares

Diante do exposto, considera-se que a mídia impressa parintinense, em específico o Jornal Novo Horizonte, tem contribuído de maneira considerável ou quase totalitária para a perpetuação do discurso e das ideias machistas na cidade. A análise foi feita somente em quatro tipos de textos jornalísticos e somente nas edições do mês de março, portanto, ainda é cedo para afirmar alguma coisa de maneira irreversível.

Mas pelo que foi observado muito de nossas hipóteses tem sido confirmadas, principalmente em relação a importância do enquadramento que dado aos textos jornalísticos. O repórter consegue construir uma narrativa e fazer com que a interpretação do leitor aconteça conforme o seu próprio pensamento.

Ao colocar em evidência certos aspectos e excluir outros, o jornalista deixa de contextualizar o assunto, dando apenas uma parte do entendimento ao leitor e não situando o problema em relação com o ambiente social e macropolítico.

Também se pode falar sobre o processo de construção das notícias partindo do princípio que existem constrangimentos organizacionais e muito do material produzido é resultado das posições ideológicas dos jornalistas. Logo, se pode inferir também que



os jornalistas que trabalham no NH tem uma visão distorcida sobre a figura da mulher e ajudam a conservação do discurso machista.

REFERÊNCIAS

CARTILHA PSTU – **Luta Mulher** – 2012. Edição única.

CARVALHO, Carlos Alberto. **O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo**. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado** (1884). In: _ As classes sociais do capitalismo. 2ªed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008

ENTMAN, Robert. M. Framing bias: media in the distribution of power. *Journal of Communication*. Vol.57,n.1,2007, p.163-173.

HAUG, Frida. **Para uma teoria das relações de gênero**. In: _BORON, Atílio A. **A teoria marxista** hoje: problemas e perspectivas. 1ªed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso, 2006.

KERGOAT, D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: Lopes, L. M.J, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.19-27.

KOLLONTAI, Alexandra. **O dia da mulher**. In: FELLIPE, William, org. As classes sociais no capitalismo. 2. Ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

COMUNICAÇÃO, Sistema Alvorada de. **Revista Rádio Alvorada 40 anos**. Parintins. Edição única, 2007.

ROTHBERG, Danilo. **O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Vitrine e vitraço: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo*. Covilha: LabCom Books, 2010.

